

---

## INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO SUPERIOR NO RIO GRANDE DO SUL: ORGANIZAÇÃO FLEXÍVEL E SITUAÇÕES ATUAIS DO TRABALHO DOCENTE

## INSTITUCIONES PRIVADAS DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN RIO GRANDE DO SUL: ORGANIZACIÓN FLEXIBLE Y SITUACIONES DE PROFESIONALES DE LA ENSEÑANZA

## PRIVATE INSTITUTIONS OF HIGHER EDUCATION IN RIO GRANDE DO SUL: CURRENT SITUATIONS AND FLEXIBLE ORGANIZATION IN TEACHING PROFESSION

Ricardo Gonçalves Severo<sup>1</sup>

Carolina Fleck<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é o resultado das observações realizadas sobre a docência em instituições de ensino superior privado no Rio Grande do Sul. Pretende-se descrever o atual cenário de atuação dos docentes em instituições privadas e como se relaciona com os modelos organizacionais atuais, que reconfiguram as práticas de trabalho. Constatou-se que o crescimento do setor educacional no estado está relacionado com a intensificação da carga de trabalho, levando ao adoecimento do profissional da educação. O foco das instituições de ensino superior numa lógica de produtividade tem feito com que os docentes sejam tratados como meras peças que devem fazer essa engrenagem organizacional funcionar, gerando desgastes constantes.

*Palavras-chave:* trabalho docente. intensificação do trabalho. sociologia do trabalho.

**Abstract:** This work is the result of observations made on teaching in private higher education institutions in Rio Grande do Sul. It is intended to describe the current situation of performance of teachers in private institutions and how it relates to the current organizational models, reconfiguring work practices. It was found that the growth of the education sector in the state is related to the increased workload, leading to professional illness of education. The focus of higher education institutions in productivity logic has meant that teachers are treated as mere pieces that should make this organizational work gear, generating constant wear. **Key-words:** teaching. intensification of work. sociology of work.

*Key-words:*

**Resumen:** Este trabajo es el resultado de las observaciones hechas sobre la enseñanza en las instituciones de educación superior privadas en Rio Grande do Sul. Se pretende describir la situación actual de desempeño de los docentes en las instituciones privadas y cómo se relaciona con los modelos actuales de la organización, la reconfiguración de las prácticas de trabajo. Se encontró que el crecimiento del sector de la educación en el estado está relacionado con el aumento de la carga de trabajo, lo que lleva a la enfermedad profesional de la educación. El enfoque de las instituciones de educación superior en la lógica de la productividad ha significado que los maestros son tratados como simples piezas que deben hacer este engranaje trabajo de organización, generando un desgaste constante.

*Palabras-clave:* enseñanza. intensificación del trabajo. sociología del trabajo.

## Introdução

O artigo se propõe a analisar a configuração do ensino privado superior no período atual, pautando-se na observação das transformações do capitalismo nos últimos 30 anos, período de reconfiguração da estrutura organizacional do ensino superior da última década. Compreendemos que o atual contexto de gestão organizacional tem levado os docentes ao adoecimento no trabalho por conta da pressão recebida com as “novas regras” para atuação profissional.

Para o exercício da docência é requerido a adoção de um *habitus* atinente ao campo social (BOURDIEU, 2004) que estão diretamente relacionadas à expectativa de ação por parte dos colegas professores, técnicos administrativos, superiores hierárquicos (coordenação e direção) e alunos. Há uma orientação sutil em relação ao procedimento rotineiro do professor, especialmente nas instituições de ensino privadas.

Nesta perspectiva do ideal profissional requerido, há a formalização da postura relacionada àquela solicitada nas organizações educacionais próprias de uma gestão focada em torná-la mais uma organização pautada pelas estratégias de tipo “empresarial”, focada nos “resultados”.

Tais características são requeridas às vezes de maneira indireta, por meio da aplicação de questionários por parte da instituição para seus colaboradores, com perguntas como: “*you se veste conforme os padrões da cultura organizacional da instituição?*”.

O que se pretende debater neste artigo são estes elementos objetivos e subjetivos, os quais têm demonstrado o aumento do desgaste emocional dos profissionais em educação. De acordo com esta hipótese, objetiva-se realizar duas formas de tratamento do tema. Na primeira perspectiva debater quais são os elementos estruturais que podem ser determinantes para tal situação, o qual se deu por meio de estudo de fontes secundárias e pesquisa quantitativa realizada junto ao SINPRO (sindicato dos professores do ensino privado do Rio Grande do Sul). A segunda perspectiva trata de apreender como os professores vivenciam sua experiência profissional, que estratégias utilizam para se adaptar ou resistir a tal situação. Estes elementos qualitativos foram levantados por meio de realização de entrevistas semiestruturadas com docentes do Rio Grande do Sul que atuam em Ensino Superior nas Instituições Privadas. Foram realizadas cinco entrevistas com profissionais de quatro faculdades privadas.

Na primeira parte do artigo são apresentadas quais as características da acumulação flexível, observando o cenário de desenvolvimento, assim como as formas políticas e socioeconômicas adotadas. Em seguida são apresentadas as peculiaridades brasileiras deste processo e desdobramentos atuais. Após apresentam-se observações dos resultados desta nova conformação organizacional para os docentes. Apresentam-se fragmentos de relatos feitos por algumas professoras<sup>3</sup> entrevistadas que servem como exemplo concreto da descrição quantitativa a respeito do desgaste profissional.

### *Características da configuração produtiva flexível*

Observa-se desde a década de 80 uma série de transformações no modelo empresarial, sem, no entanto, modificar o caráter propriamente capitalista, pautado muito mais por novas formas de consumo, propiciadas pelo processo de acumulação flexível (HARVEY, 1992). Este processo se origina na crise de acumulação capitalista nos moldes do *Welfare State* enquanto modelo político dominante nos países desenvolvidos e do Fordismo a partir da crise dos anos 70 (ANTUNES, 1999; HARVEY, 1992) e que tem como principais causas:

- A queda da taxa média de lucro, provocada pela disputa intercapitalista e pelo aumento do valor da força-de-trabalho através das lutas sindicais a partir dos anos 60 nos países centrais;
- Crise da forma de acumulação do modelo taylorista/fordista de produção frente à retração do consumo;
- Autonomia do setor financeiro frente ao setor produtivo e fuga de capitais para o setor especulativo no início da internacionalização;
- Crise do *welfare state* expressa na esfera fiscal devido à crise do setor produtivo e pela internacionalização destas bases produtivas, em detrimento do modelo de arrecadação em bases nacionais, tendo como resposta a diminuição dos gastos públicos;
- Privatizações e início da flexibilização dos processos produtivos e do mercado de trabalho.

Contrapondo-se ao momento anterior, onde prevalecia a política de “pleno emprego”, com o advento do neoliberalismo a responsabilidade do Estado tem uma mudança de rumo no sentido da liberalização da regulação do capital. Seu papel passa a ser assim a regulamentação de dispositivos que possibilitem a livre ação do mercado. Diminui a autoridade dos Estados no que diz respeito à política financeira a ser adotada por cada nação, via de regra, direcionando grande parte de sua arrecadação para o pagamento de dívidas interna e externa e financiamento de multinacionais.

Substitui-se a política social universal por políticas focalizadas, dotando-as de caráter assistencialista, o que tenta minimizar os resultados da retirada de direitos trabalhistas e combate à representação sindical. Esta política tem como objetivo adequar-se ao novo momento da produção capitalista, possibilitada através da 3ª revolução industrial ou tecnológica expressa pelo toyotismo.

Este modelo teve sua origem no Japão e tinha como uma das principais características a reorganização em sentido amplo da produção que, segundo Ricardo Antunes (2003), identifica um novo momento nas relações produtivas, caracterizado como *Acumulação Flexível* que requer que as relações de trabalho se tornem também flexíveis, aumentando assim o trabalho *part-time*, terceirizado, subcontratado e via de regra, precarizado. Destaca-se ainda que a partir da reestruturação produtiva houve um crescimento de postos de trabalho nos setores de serviço, ou imaterial, resultado da desproletarização da indústria e assalariamento de setores médios, como é o caso da educação, que, a partir deste momento é explorada como um serviço comercializável em escala crescente. Gerando uma perspectiva de tratamento do aluno como cliente e do docente como prestador de serviço em empresas educacionais enxutas. As organizações de novo

tipo são flexíveis, e “a sequência de produção [...] pode ser alterada à vontade” (SENNETT, 2006, p. 49).

Há neste modelo um processo de reengenharia institucional que possibilita, de acordo com Sennett (2006), a casualização, dessendimentação e sequenciamento não linear. É um processo que traz o enxugamento organizacional, coadunado com uma busca de lucros imediata em razão da nova racionalidade baseada na fluidez dos mercados. No caso da educação, este processo inverte alguns valores bem “sedimentados” na sociedade sobre o seu papel na mesma e as funções a serem desempenhadas por professores e alunos. É esta inversão de valores gera uma precarização do trabalho docente.

### *Algumas características da educação no setor privado*

Segundo Bosi (2007), houve expansão da quantidade de vagas na educação particular e em especial no ensino superior se deu a partir da década de 1990, se tornando uma política de Estado o incentivo deste setor no governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Este governo marca a entrada do país na lógica liberalizante internacional, abrindo o mercado interno, além do processo de privatizações de serviços oferecidos pelo Estado, dando início ao período neoliberal no país (GUERRA et al., 2007).

Esta política pode ser compreendida como forma de dinamizar a lógica sistêmica de exploração capitalista no país, habilitando setores anteriormente oferecidos gratuitamente pelo Estado. Desta forma, constrói-se uma nova orientação educacional, compreendendo o Estado como administrador na lógica capitalista e sendo pautado pela eficiência, expressa pela redução dos custos operacionais das universidades. Tal entendimento passa pela concepção do papel da universidade, de acordo com governo da época, que propunha a extinção do modelo educação, pesquisa e extensão, sendo o desejo criar como regra a especialização somente na educação, reduzindo os custos desta forma (SILVA JR. e SGUISSARDI, 1999) e em 1996, com a mudança na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) sanciona a lei das faculdades privadas com fins lucrativos.

É certo que até este momento as vagas eram reduzidas, visto a demanda da população e sendo utilizados, geralmente, pelas camadas médias e altas da população local. O que é questionado por Bosi (2007) é que este aumento de vagas no setor privado se deu graças à super-exploração do trabalho docente, o qual é expresso pela forma como são efetuados os contratos e pela carga horária imposta a estes trabalhadores. De acordo com o autor:

No caso das IES privadas, existem mais de 118 mil docentes em regime "horista", o que representa quase 70% de todos os docentes ocupados no ensino superior no Brasil. Em relação à legislação educacional que estabeleceu parâmetros de contratação já bastante flexíveis a partir de 1996 (LDB), 7 das 84 universidades públicas não cumprem a exigência de terem pelo menos um terço do corpo docente em regime de tempo integral. Já entre as universidades privadas, esse tipo de transgressão atinge 65 das 86 IES existentes, o que representa mais de 75% numa situação ilegal (BOSI, 2007, p.1509).

Assim o aparente benefício gerado pelo ensino privado se deu graças à maneira como são feitos os contratos de trabalho com os docentes, tendo como um dos reflexos imediatos para estes trabalhadores o aumento da carga de trabalho e a instabilidade.

Observação interessante sobre a reconfiguração do trabalho docente de acordo com Dalila Oliveira (2004) é a proletarização da atividade, compreendida como alienação de parte significativa do desempenho da atividade, pelas perdas salariais, resultado do aumento da oferta de trabalho especializado e pela flexibilização da relação, mas também pelo próprio processo de trabalho.

Como exemplo, veja-se uma empresa do setor educacional que tem incorporado faculdades de pequeno porte em todo país, e é modelo de desenvolvimento do ramo. Os conteúdos em cada disciplina são rigorosamente os mesmos, sendo elaborado material didático, em forma de slides, para todas as suas unidades. As provas, da mesma forma, são padronizadas. Cabe ao docente, o qual é chamado internamente de “*deliver*”, fazer a leitura de tais slides e facilitar a compreensão dos conteúdos padronizados. Do ponto de vista da instituição é uma facilitação do processo educacional, reduzindo despesas na manutenção do profissional educador, que pode ser substituído a qualquer momento, sem perda de continuidade do programa pré-estabelecido. Tal substituição é facilitada pela forma de admissão de parte dos professores, os quais são contratados como autônomos (sob forma de Recibo de Pagamento Autônomo - RPA) e permanecem por módulos, sendo demandados por curtos períodos pela empresa.

No Rio Grande do Sul o número de instituições privadas nos últimos dez anos aumentou consideravelmente, conforme observa-se abaixo:

	1999	2014
IES Públicas	6	10
IES Privadas	38	105

Fonte: INEP - organizado pelos autores

Os dados acima demonstram o aumento da oferta de instituições privadas no Estado, ressaltando-se que o que aumentou foram aquelas faculdades com finalidade lucrativa, de pequeno e médio porte. Ressalta-se este dado, pois estas instituições são as que, geralmente, oferecem as piores condições de trabalho<sup>4</sup>.

### *Consequências à saúde dos docentes*

A constatação de que são enfrentadas situações de desgaste na atividade profissional é, atualmente, quase senso comum em várias profissões. Na docência, especialmente, se baseia nos altos índices de problemas de saúde relatados pelos professores da rede privada. Em pesquisa<sup>5</sup> realizada no ano de 2009 pelo Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisa de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (DIESAT), 45% dos entrevistados afirmava apresentar algum problema físico ou mental relacionado ao trabalho, sendo a maioria dos problemas relacionados ao desgaste emocional causado pelo exercício da profissão. Os problemas que aparecem com maior frequência são o estresse ocupacional, caracterizado da seguinte maneira:

O estresse é um estado geral de tensão fisiológica e mantém relação direta com as demandas do ambiente. O estresse ocupacional constitui experiência extremamente desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, tensão, ansiedade, frustração e depressão, desencadeados por estressores localizados no ambiente de trabalho. Os fatores contribuintes para o estresse ocupacional vão desde as características individuais de cada trabalhador, passando pelo estilo de relacionamento social no ambiente de trabalho e pelo clima organizacional, até as condições gerais nas quais o trabalho é executado (LIPP apud REIS et al., 2006, p. 230-231).

De acordo com Jacques (2005), o principal problema das patologias ou psicopatologias do trabalho vem do nível de exigência extremado que as organizações impõem nos trabalhadores e da cobrança que estes colocam em torno das próprias atitudes frente ao trabalho e as expectativas com a vida pessoal. Vive-se em um cotidiano de constante buscar pelo ter e pelo ser mais. Os indivíduos vivem em busca de provas, para si, para os amigos, para a família, para o chefe, para os colegas de trabalho, do quanto são bons e capazes de superar os desafios, crescendo constantemente no emprego e na vida social (GRISCI, BITENCOURT e FLECK, 2012; BAUMAN, 2009; SENNETT, 2007). Esse nível de exigência gera preocupação e adoecimento, “pessoas preocupadas não costumam trabalhar bem. A maior parte de sua energia é absorvida na tentativa de dominar suas emoções” (OLIVEIRA e MAÑAS, 2004, p. 211).

Os elementos que causam o estresse nos trabalhadores em educação têm fontes diversas, sendo uma das principais o assédio moral, o qual é exercido pela chefia, colegas e alunos. O assédio moral é compreendido como “conduta abusiva que atente, por sua repetição, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o ambiente de trabalho” (DIESAT, 2009: p.69).

Tal assédio ocorre em decorrência das mudanças na estrutura educacional, que cria uma forma organizacional colocando o docente como principal, e às vezes único, agente responsável pela qualidade de ensino.

A responsabilidade, ao invés de ser estendida ao conjunto da organização é tomada como algo particular, individual. Tal característica é própria da organização empresarial pós-fordista que inculca nos trabalhadores a conduta do colaborador, termo já utilizado nas instituições, que compreende que o sucesso ou fracasso da empresa se dá pela postura individual ou empreendimento do grupo de professores.

Trabalha-se com a hipótese de que a atual configuração da organização privada de educação pode ser comparada àquelas observadas por Antunes (2003, p. 47 a 59) que tem intensificado o trabalho ao exigir maior gama de responsabilidades por parte dos trabalhadores sem que haja compensação correspondente.

Os exemplos sugerem que há uma tendência ao aumento das responsabilidades profissionais, daí resulta uma série de mecanismos de pressão sobre o trabalho do professor, como por exemplo:

- O aumento do número de alunos por turma (o que está relacionado diretamente com os problemas de voz);
- Diversificação das responsabilidades para além daquelas ligadas às aulas;
- Aumento da carga de trabalho (70% dos entrevistados pelo DIESAT afirmam realizar

tarefas fora do horário de trabalho).

O incremento de trabalho, portanto, é a causa do aumento de casos de doenças denominadas como distúrbios psicológicos menores (DPM), que tem se tornado regra para contingente crescente de professores. Estão relacionados, necessariamente, com o ambiente escolar, pela realização de tarefas repetitivas e pelo desgaste da relação professor-aluno (GASPARINI et al 2007). Todo este quadro gerou um dos principais distúrbios verificados atualmente, denominada de síndrome de *Burnout*. Esta é uma resposta aos estressores ambientais e se manifesta como indiferença, sentimento de não realização e exaustão emocional (REIS et al, 2006). Tal sentimento de frustração profissional tem como resultado, muitas vezes, a indiferença em relação ao alunado e até a sua hostilização. Não por uma percepção de realidade que o permite compreender essa indiferença e hostilização, mas por um nível de adoecimento que faz com que a pessoa entre em uma tensão emocional e estresse crônico (VARELLA, 2014).

### ***Relatos sobre docência, produtividade e adoecimento no trabalho***

Algumas instituições atualmente utilizam como forma de avaliação do trabalho docente a aplicação de questionário junto aos alunos, perguntando sobre tópicos específicos da atividade, como metodologia, pontualidade, ética, entre outros. Uma das entrevistadas compreende ser um instrumento de vigilância de seu comportamento e não uma ferramenta didática. Sobre tal situação, relata:

Na outra faculdade que trabalhei, em Porto Alegre, lembro que tivemos uma reunião onde havia as respostas dos alunos quanto à avaliação da disciplina e do professor. E indicou que o último colocado já não trabalhava mais lá. Aquilo foi uma das situações mais constrangedoras que um professor pode viver, pois parecia uma intimidação pessoal e profissional (informante A)!

Sobre o relacionamento com os colegas, relatou-se que em reunião docente houve pressão por parte dos colegas para que não se exigisse muito nas provas, pois caso começasse a haver reprovações os alunos poderiam optar por mudar de instituição, escolhendo aquela que oferecesse mais facilidades.

Outra entrevistada aborda o tema da flexibilização das exigências ao alunado ao ser questionada sobre possíveis dificuldades no desenvolvimento do trabalho:

A maior dificuldade é a resistência dos alunos que alegam não ter condições (em função de trabalho, família) para se dedicar de forma mais ampla aos estudos, fazendo com que a carga de atividades extra-classe seja substancialmente diminuída e que maior parte das aulas sejam expositivas. Além disso, há a questão da “concorrência” entre as instituições de ensino que acabam por fazer com que o professor se engesse em um modelo estabelecido com o intuito também de manter alunos no curso, pois, caso diverso, poderá a instituição “perder” alunos para outra comprometendo, muitas vezes, a própria manutenção do curso (informante C).

Ademais, pelas demandas dos alunos é necessária, de acordo com o relato, uma maneira fixa de exercer a atividade, por meio exclusivamente expositivo, o qual pode ser um dos causadores dos problemas de voz identificado como crescente entre professores.

Tais características são verificadas como próprias de parte significativa destas instituições que se focam em resultados, ou seja, número de alunos, o que significa lucro, relegando ao processo educacional um papel secundário. Uma das entrevistadas, questionada sobre a relação com superiores, de forma direta e sucinta, diz o seguinte:

*“Relacionamento tolerável, sem um comprometimento com o Ensino e Aprendizagem, e sim com o resultado da Empresa (informante E).”*

Ela faz a mesma observação em relação aos colegas, caracterizando a relação como superficial e sem preocupação com a construção de conhecimento. Tal característica é constante em outras falas. É um traço próprio deste tipo de organização em razão da estruturação da forma de trabalho, colocando uns contra os outros em busca da turma atendida.

Outra situação comum é o fato da elaboração de aulas não ser remunerado, cabendo aos professores produzir o material. Questionando-se sobre o período disponível para elaboração das aulas, uma entrevistada respondeu:

*“Nem sabia que isso existia. Elaboro minhas aulas nos intervalos entre as aulas e as atividades do escritório (informante C).”*

Outra entrevistada relata sobre o mesmo tema:

*“Demanda muito tempo, ou seja, recebemos uma hora aula por unidade curricular para uma carga-borária de trabalho muito maior (informante D).”*

Ainda, outra entrevistada relata:

*“Muito pouco. Uma hora para preparar aula não possibilita a pesquisa aprofundada do assunto que será desenvolvido. Utilizo em média de 3hs para preparar o material de aula e corrigir os trabalhos (informante E).”*

Além do tempo não remunerado requerido para a preparação das aulas, outras atribuições, de acordo com uma entrevistada são passadas aos professores. Perguntada sobre se vivenciou algum constrangimento ou assédio:

*“Na faculdade(X), quando eu recebia ligações sábado pela manhã cobrando a inserção de textos (informante C).”*

Também há relatos de constrangimento vivenciados em seu ambiente de trabalho:

Lembro de quando trabalhava lá na [...] e os alunos e alguns professores não conseguiam me ver com bons olhos. Uma das questões que ficou bem evidente era o fato de eu ser uma professora negra, que morava em Porto Alegre, na época, e que fazia doutorado. Lembro também de vários alunos debocharem da disciplina, mas principalmente a partir de questionamentos sobre minha idade e formação, o que me fazia observar que era algo mais pessoal do que com relação ao conteúdo...(informante A).

### *Considerações finais*



As empresas de ensino privado trazem as características do modelo flexível de produção. As características do mercado educacional sugerem que é uma tendência à hegemonia deste modelo institucional, o qual tem se expandido em razão das facilidades que oferece frente ao modelo acadêmico oferecido pelas instituições de finalidade não diretamente lucrativa. Mesmo que estas últimas não tenham como objetivo imediato, ou aberto, o lucro, estão guiadas pela lógica do mercado, e, portanto acabam por entrar na lógica destas empresas de pequeno porte, as quais se pautam pelo oferecimento de um serviço único (pois se exclui do pacote a pesquisa e extensão) e barato.

Este modelo precariza a atividade docente pelas exigências que lhe são impostas e pelo modelo de ensino que propõe. É uma porta de entrada no mercado de trabalho para estes profissionais, mas se for expandido ao conjunto da categoria levará à degradação não somente dos profissionais da educação, mas a todo processo de ensino.

Por tais razões percebe-se que há uma continuidade da lógica organizacional capitalista nas instituições de educação privada, a qual incide sobre os professores na forma de aumento da carga de trabalho, reordenação mental sobre o papel a ser desempenhado, em especial a questão da manutenção dos alunos (encarados como clientes) na instituição, e conseqüentemente a individualização do sucesso ou fracasso da empresa.

O desenvolvimento de doenças relacionadas à atividade laboral mostra que não é uma regra geral a incidência de problemas psíquicos, entre outros, mas atinge um contingente significativo da categoria.

Conforme as experiências relatadas, o processo de alienação da atividade e sobrecarga de trabalho tem se mostrado uma constante, além de outras formas de constrangimento observadas, as quais influenciam negativamente no desempenho da atividade profissional.

O modelo organizacional das instituições educacionais privadas no Estado, especialmente as de pequeno e médio porte (faculdades) são as que têm demonstrado as características mais agressivas à saúde docente.

Os resultados das entrevistas não pretendem generalizar os resultados ao conjunto dos trabalhadores e das empresas, mas exemplificam alguns casos de assédio moral, aumento da carga de trabalho e disposições ideológicas a respeito do papel do docente dentro destas instituições, dando pistas de como se relacionam com o público interno e externo e desenhando uma possível tendência do campo observado.

Conclui-se, portanto, que a dimensão organizacional de algumas instituições privadas de educação, da maneira como estão estruturadas atualmente, tendem a degradar a saúde dos profissionais em educação, pois é imposto a estes uma quantidade crescente de tarefas e carga de trabalho sem que haja remuneração para tal. Essas características são reforçadas pelos atores envolvidos neste ambiente, quais sejam: alunos, funcionários e professores que aderem à lógica interna, e creditam a si algumas responsabilidades alheias à docência e pesquisa.

### Referências bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BOSI, Antônio de P. *A Precarização Do Trabalho Docente Nas Instituições De Ensino Superior Do Brasil Nesses Últimos 25*. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTUDOS E PESQUISA DE SAÚDE E DOS AMBIENTES DE TRABALHO. *Condições de Trabalho e Saúde dos Professores e Técnicos Administrativos nas Instituições de Ensino Privado do RS*. RS: 2009.
- GRISCI, C. L. I, BITENCOURT, B. M., FLECK, C. F. Trabalho Imaterial, Medo, Solidão: “Amigos de Aluguel” na sociedade líquido-moderna. *Psicologia em Estudo*. v. 17, n. 1, p. 141-149, 2012.
- GUERRA, Alexandre et. al. *Trabalhadores Urbanos*: ocupação e queda na renda. São Paulo: Cortez, 2007.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JACQUES, Maria da Graça Corrêa Saúde do Trabalhador: uma urgência, uma busca, uma ética, um espaço. *Revista Democracia e Mundo do Trabalho - DMT*, Ano1/Nº1, Jan/Jun 2005, Porto Alegre-RS.
- OLIVEIRA, Dalila A. A Reestruturação do Trabalho Docente: precarização e flexibilização. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.
- OLIVEIRA, Jayr Digueiredo de, MANÃS, Antônio Vico *Tecnologia, Trabalho e Desemprego: Um conflito social*, Editora Érica Ltda, 2004 São Paulo-SP.
- REIS, Eduardo J. F. B et al. Docência e Exaustão Emocional. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SENNETT, Richard. *A Cultura do Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA JR, J. dos R. e SGUISSARDI, V. *Reconfiguração da educação superior no Brasil e redefinição das esferas pública e privada nos anos 90*. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, nº 10, p. 33- 57, jan-abr. 1999.
- VARELLA, D. *Síndrome de Burnout*. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/letras/b/sindrome-de-burnout/>> Acesso em: Julho de 2014.

### Notas:

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande. Email: [rg.severo@hotmail.com](mailto:rg.severo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pampa. Email: [carolinafleck@unipampa.edu.br](mailto:carolinafleck@unipampa.edu.br)

Optou-se por não identificar os entrevistados e instituições em que trabalharam de forma a evitar constrangimentos e relatos parciais sobre situações vivenciadas.

Conforme entrevista realizada no dia 15 de abril de 2010 com Cássio Felipe Galvão Bessa, Diretor de organização sindical do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS).

Dados da pesquisa disponíveis em [www.sinprors.org.br](http://www.sinprors.org.br).

Recebido em: 28/09/2016

Publicado em: 30/04/2017